# ORIGENS DE UMA AUTOFICÇÃO DIASPÓRICA EM DIÁRIO DO HOSPÍCIO E O CEMITÉRIO DOS VIVOS, DE LIMA BARRETO

**Bruna Helena Farias Barrêtto**[1]
**Igor Ximenes Graciano**[2]

**RESUMO**

O projeto de pesquisa volta-se para as narrativas Diário do hospício e O cemitério dos Vivos, de Lima Barreto, de modo a se fazer uma leitura comparada entre o diário escrito pelo autor há cem anos, na ocasião de sua internação numa instituição psiquiátrica, e o romance inacabado inspirado por essa experiência traumática. Considerando o conceito de "pós-autonomia" (Ludmer, 2007), segundo o qual a ideia de autonomia do romance e a noção corriqueira de "real" se confundem, essas narrativas se pronunciam como denúncia a partir da escrita de si e do outro, especialmente pelo fato de Lima Barreto ser um intelectual negro e periférico. Esse apelo (auto)biográfico em ambas as narrativas, portanto, serve como documento e alegoria do lugar do escritor na sociedade brasileira nas primeiras décadas do século XX. Diante disso, pretende-se ainda investigar o lugar do romance O cemitério dos vivos no campo literário do século XXI como origem e reconfiguração, em chave diaspórica, da autoficção contemporânea.

**Palavras-chave:** Autoficção diaspórica Lima Barreto arte e politica .

UNILAB, MALÊS, Discente, buhfarias@icloud.com[1]
UNILAB, MALÊS, Docente, igor.graciano@unilab.edu.br[2]


**ISSN: 2447-6161**

**INTRODUÇÃO**

O mundo contemporâneo vive um momento de polarizações políticas e recrudescimento de grupos e discursos autoritários, quando não francamente fascistas. O espaço de afirmação dos posicionamentos políticos e decisão da coletividade há algum tempo deixou de ser unicamente as ágoras, ou seja, os espaços de debate presencial, corpóreo, das assembleias, salas de aula, reuniões de associações etc. Nesse ambiente, a ideia tradicional de indivíduo e, para a esfera pública, de cidadão, é relativizada pela projeção de avatares virtuais que nem sempre coincidem com o indivíduo empírico, os chamados perfis falsos. Não por acaso, nesse mesmo ambiente é cada vez mais recorrente o uso do termo "pósverdade", que se refere à aceitação de notícias independentemente de verificação das fontes ou mesmo da contradição dos fatos. O resultado é o insulamento de grupos que retroalimentam suas verdades sem diálogo efetivo com os outros grupos, a não ser para confrontos verbalmente hostis e impróprios a qualquer dialética. Importantes transformações acontecem também com o lugar da cultura e do conhecimento científico nesse ambiente de fragmentação da ágora e relativização do indivíduo no debate 3 público. Se pensarmos a literatura, em sua acepção mais corriqueira e elitista, como parte da cultura prestigiada, e do escritor como modelo de intelectual, é possível perceber essa diferenciação em andamento também no campo literário, que nos interessa aqui. No Brasil, em ensaio que trata das fases do nosso regionalismo literário – entre outros de sua produção a partir dos anos 1970 –, Antonio Candido distingue as consciências amena e catastrófica do atraso nacional explicitadas nas narrativas. Seja pela divulgação otimista de estereótipos sobre o "país novo", seja pela denúncia do subdesenvolvimento ocasionado por um atraso sistêmico, o escritor atua no sentido de reiterar ou questionar a ordem dominante. Na sociedade duramente estratificada, submetida à brutalidade de uma dominação baseada na escravidão, se de um lado os escritores e intelectuais reforçaram os valores impostos, puderam muitas vezes, de outro, usar a ambiguidade do seu instrumento e da sua posição para fazer o que é possível nesses casos: dar a sua voz aos que não poderiam nem saberiam falar em tais níveis de expressão. escritor, portanto, é aquele que se utiliza de uma ferramenta (a literatura, como a metáfora do ensaio sugere, pode ser entendida como tal), que lhe permite "dar voz" aos silenciados, àqueles que historicamente não tiveram acesso ao consumo e à prática literárias. O autor de ficção fala em nome do outro porque, sob a dominação metropolitana (antes e depois da independência política), o romance lhe permite assumir o ponto de vista dos marginalizados. A figura do intelectual como representante de uma coletividade – especialmente se o recorte for nacional – começou a sofrer uma clara mudança a partir dos anos 1970, acentuando-se até os dias presentes. Para alguns, a explicação para isso estaria na crítica difusa e contumaz de vários setores do espectro pós-moderno, entre os quais se destaca a teoria feminista, que aponta para os pressupostos machistas do pensamento ocidental. Os estudos culturais levam adiante essa abordagem teórica e política a partir do lugar de enunciação, visando, sobretudo as perspectivas que emergem (ou são caladas) nos ditos e entreditos das obras. Aqueles que estão objetivamente excluídos do universo do fazer literário, pelo domínio precário de determinadas formas de expressão, acreditam que seriam também incapazes de produzir literatura. Em vez de um que fala por todos, almeja-se antes a diversidade de perspectivas projetadas na esfera ficcional, afinal "a exclusão das classes populares não é algo distintivo da literatura, mas um fenômeno comum a todos os espaços de produção de sentido na sociedade" (Idem). Certamente, se pensarmos na literatura como instituição em transformação, a relevância desse "intelectual público" parece declinar se ele encarna aquele que desde sempre se apresenta como a voz lúcida da coletividade, e que normalmente tem ocupado lugares de privilégio na configuração social brasileira. Ao ser internado, entre fins de 1919 e início de 1920 no Hospital Nacional de Alienados, no Rio de Janeiro, o escritor Lima Barreto concluía um ciclo de


**ISSN: 2447-6161**

exclusões e alijamentos de sua pessoa e, naturalmente, de sua atuação política e intelectual. A tentativa de transformar a experiência traumática da internação em literatura, com a escrita do romance inacabado O cemitério dos vivos, foi interrompida pela morte prematura em 1922, aos 41 anos, de modo que as obras foram publicadas postumamente em 1953. 4 Ainda que Lima Barreto seja um autor prestigiado e canônico, interessa investigar sua prosa como formadora de uma linhagem que não somente compõe a literatura nacional, mas que é capaz de reconfigurá-la, pois entendemos que ela inaugura uma origem negro-brasileira (Cuti, 2010) para a autoficção contemporânea.

**METODOLOGIA**

A metodologia aplicada na presente pesquisa baseia-se na revisão da literatura a respeito das narrativas do corpus e na análise bibliográfica teórica sobre a obra de Lima Barreto. Com esse repertório, pretendemos revisar conceitos e expressões referentes ao debate mais recente sobre a autoficção, numa perspectiva que a reconsidere a partir da obra de Lima Barreto. O trabalho foi organizado da seguinte maneira:

1. Leitura e fichamento de bibliografia teórica a respeito da obra de Lima Barreto, assim como de suas duas

bibliografias;

2. Leitura e fichamento das duas obras de Lima Barreto que são objeto de análise do projeto: Diário do hospício e O cemitério dos vivos;

3. Pesquisa bibliográfica de narrativas com perfil similar ao do objeto de estudo. A ideia é coletar e investigar o lugar do romance O cemitério dos vivos no campo literário do século XXI como origem e reconfiguração, em chave diaspórica, da autoficção contemporânea.

4. Leitura e fichamento dos textos básicos para a compreensão dos conceitos de “pós-autonomia” (Ludmer, 2007), “pacto biográfico” (Lejeune, 2008) e “pacto ambíguo” (Alberca, 2007), assim como do termo “autoficção”.

**RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Como o auxílio das pesquisas bibliográficas que são a base de conhecimento para o desenvolvimento das resenhas críticas do qual será utilizada para a redação do artigo. Até o momento, alcançamos os seguintes resultados:

1. Mapeamento e compreensão mais aprofundada dos conceitos-chave na cena contemporânea, como “pósautonomia”, “autoficção” e “pacto ambíguo”, à luz do texto de Lima Barreto objeto da pesquisa;

2. Compreensão do contexto histórico de Lima Barreto a partir da leitura e fichamento da biografia de Lilia Schwartz, o que auxiliou muito na leitura da obra objeto da pesquisa;

3. Conclusão e apresentação de um pôster na VI Semana Universitária da UNILAB, assim como de uma comunicação na III Semana de Letras do Campus dos Malês, o que permitiu à bolsista organizar os resultados da pesquisa até o momento e amadurecer com a apresentação e as sugestões advindas desse tipo


**ISSN: 2447-6161**

de interlocução acadêmica.

4. Elaboração de um artigo acadêmico

**CONCLUSÕES**

O projeto de pesquisa Origens de uma autoficção diaspórica em Diário do Hospício e O cemitério dos vivos, de Lima Barreto trouxe como hipótese investigar as obras de Lima Barreto sob a contextualização dos estudos contemporâneos sobre a chamada autoficção, dadas as características do texto do escritor, mesmo que o debate sobre a relação entre biografia e ficção não ocorresse nestes termos naquela época. Trouxemos como base o conceito de autoficção e de autobiografia (LEJEUNE) para entender a relação existente entre o romance e o diário íntimo, e no caminhar da pesquisa dialogamos com as noções de racismo estrutural e de literatura negra (CUTI), assim como a ideia de escrevivência (EVARISTO) para compreendermos e situarmos Lima Barreto, seu tempo e suas obras. A autoficção é uma tipologia literária contemporânea, trata-se de quando o próprio autor se coloca como personagem e participa da história que ele escreve. São narrativas feitas em primeira pessoa. Serge Dubrowiski denominou de autoficção a coincidência onomástica entre autor-narrador-personagem. Diferente da autobiografia, onde se firma um pacto com a verdade vivida, pode ser em primeira ou até em terceira pessoa. A diferença entre ambas é que a autoficção é uma coincidência entre autor-narradorpersonagem, se aproxima da biografia, mas é ficcional. A autobiografia é o compromisso do autor com o que foi vivido para contar a verdade através dos recursos do romance. Lima Barreto está nesse limiar entre os dois conceitos, como também do conceito de escrevivência, que são as narrativas vividas por pessoas negras enquanto protagonistas das suas histórias. Barreto faz em suas obras metáforas da sua própria vida e do tempo em que viveu, críticas sociais de um homem inconformado com o estado das coisas, à frente do seu tempo no que diz respeito aos aspectos raciais e dividido entre o estado de lucidez e a loucura. Os últimos trabalhos do autor carioca foram os objetos de estudo desta pesquisa, O cemitério dos vivos, romance inacabado, o qual ele só deixou escrito dois capítulos, e o seu Diário de hospício, relatos sobre essa experiência. O mais curioso a se observar no diário é que ele parecia lúcido e consciente da sua situação a ponto de refletir sobre o que causou sua dependência alcoólica. No romance O cemitério dos vivos, por sua vez, parece que a mesma história do diário está sendo contada, mas Lima Barreto traz novos aspectos de sua vida, criando personagens como a formação de uma família, com esposa, filho e também os funcionários que cuidavam dos pacientes do hospício. O livro traz na sua narrativa ligações com os momentos em que o escritor esteve internado e que são de maior compreensão se forem relacionados ao contexto biográfico da escrita. 20 O período que Lima Barreto passou internado foi produtivo para suas obras e degradante na sua vida pessoal. Com isso, observei que Lima Barreto é um autor que tem mais críticas sobre os acontecimentos da sua vida, no que se refere ao seu comportamento militante, sua relação com a sua vida boêmia e a bebida e as internações no hospício do que sobre a sua literatura, sendo por isso tão atemporal, já que retrata a política e a sociedade do Brasil ainda que depois de mais de um século, tão fiel e analiticamente. Um escritor negro, fazendo literatura negra, tirando o corpo negro do segundo plano e trazendo-o para o protagonismo nas suas narrativas. Fazia literatura sobre a sua vida, o que talvez para sua época tenha sido considerada sem imaginação e por conta disto estigmatizado e marginalizado


**ISSN: 2447-6161**

**AGRADECIMENTOS**

O desenvolvimento do projeto me possibilitou uma aproximação com as pesquisas acadêmicas, as metodologias e estratégias para leitura e escrita, além do contato com o professor e todo o seu apoio para o andamento das atividades de pesquisa. Primeiramente, o projeto me possibilitou conhecer a vida e a obra de Lima Barreto, seus pensamentos e ideias, além de sua importância para a Literatura brasileira e isso me fez crescer tanto na área de Letras como no meu desenvolvimento pessoal. Lima Barreto me trouxe uma nova visão sobre o Brasil e seu pós-abolicionismo, a vida do negro na nossa sociedade segregacionista e preconceituosa, apesar de ser um escritor do século XIX ele continua muito atual. Suas falas se fazem tão atuais quanto na sua época. O projeto despertou em mim uma maior responsabilidade com prazos, metas e me desafiou a escrever, o que eu sempre tive dificuldade, provando-me que sou capaz, sobretudo em assuntos que eu não tinha domínio até a presente pesquisa. No geral, acredito que tenha cumprido as demandas solicitadas pelo orientador na pesquisa, continuarei pesquisando sobre Lima Barreto e a minha intenção é que este projeto não pare. O trabalho desenvolvido mudou a minha visão sobre a pesquisa acadêmica, o que me faz querer continuar daqui por diante com planos para o futuro ainda na graduação e futuramente na fase de pós-graduação.

**REFERÊNCIAS**

ALBERCA, Manuel. El pacto ambiguo. De la novela biografica a la autoficción. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 2007.

BARBOSA, Francisco de Assis. A vida de Lima Barreto. 11 ed. São Paulo: Autêntica, 2017.

BARRETO, Lima, 1881-1922. Diário do hospício; O cemitério dos vivos/ Lima Barreto; prefácio Alfredo Bosi; organização e notas Augusto Massi, Murilo Marcondes de Moura. – 1ª ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2017. CUTI. Literatura negro-brasileira. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DIAS, Rodrigo. 'Narradores no hospício: uma análise de Diário do hospício e O cemitério dos vivos' In: Revista Ianda, vol. 5 Nº 2, 2017. [on-line] Disponível na internet via WWW URL: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/177370/4%20CHAMADA%20Rodrigo%20Dias%20Narradores%20no%20hosp%C3%ADcio%20uma%20analise%20de%20Diario%20do%20hospicio%20e%20O%20cemiterio%20dos%20vivos.pdf?sequence=1&isAllowed=y

EVARISTO, Conceição. "Escrevivências da afro-brasilidade": história e memória. Releitura, Belo Horizonte, n. 23, 2008. FAEDRICH, Anna. 'O conceito de autoficção: demarcações a partir da literatura brasileira contemporânea' In: Itinerários, Araraquara, n. 40, p. 45-60, jan./jun. 2015 [on-line] Disponível na internet via WWW URL: https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/viewFile/8165/5547


**ISSN: 2447-6161**

LEJEUNE. Philipe. O pacto autobiográfico. Org. Jovita Maria Gerheim Noronha; Trad. Jovita Maria Gerhein, Maria Inês Coimbra. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LUDMER, Josefina. “Literaturas postautónomas” In: Ciberletras:Revista de crítica literária e de cultura, 2007. [on-line] Disponível na internet via WWW URL: http://www.lehman.cuny.edu/ciberletras/v17.html

NORONHA, Jovita Maria Gerheirm. ‘Entrevista com Lejeune’ In: IPOTESI – Revista de Estudos Literarios, 2002. [on-line] Disponível na internet via WWW URL: https://periodicos.ufjf.br/index.php/ipotesi/article/view/19271

RESENDE, Beatriz. ‘O Lima Barreto que nos olha’ In: Instituto Moreira Salles: Revista Serrote, 2016. [on-line] Disponível na internet via WWW URL: https://www.revistaserrote.com.br/2016/01/o-lima-barreto-que-nos-olha-beatriz-resende/ 21

SCHWARTZ, Lilia Moritz. Lima Barreto: triste visionário. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.


**ISSN: 2447-6161**